

Organização do trabalho, sofrimento e prazer na visão do jornalista Alberto Dines¹

Cristiane Oliveira REIMBERG²
Fundacentro/SP

Resumo

Neste artigo, analisamos entrevista realizada com o jornalista Alberto Dines, na qual exploramos aspectos da organização do trabalho no jornalismo a partir do relato de suas experiências profissionais. Buscamos delinear o que é ser jornalista para o entrevistado assim como apontar o que ele via como sofrimento e prazer no trabalho do jornalista. Para tanto, um de nossos referenciais teóricos foi a psicodinâmica do trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo; organização do trabalho; sofrimento; prazer; Alberto Dines.

O entrevistado e a entrevista



¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, analista em ciência e tecnologia da Fundacentro, instituição de pesquisa federal em saúde e segurança do trabalhador vinculada ao Ministério do Trabalho, e-mail: cristiane.reimberg@fundacentro.gov.br

Alberto Dines, nascido em 1932, faleceu aos 86 anos, em 22 de maio de 2018. Ele trabalhou nas revistas *Visão* e *Manchete*; nos jornais *Última Hora*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S.Paulo* e *El País*; na Editora Abril e no Observatório da Imprensa, experiência criada na Internet em 1996, que ganhou também espaço na TV de 1998 até 2016.

Para a análise apresentada neste artigo, utilizamos a entrevista realizada com Alberto Dines em 29 de abril de 2014, em seu escritório, na Vila Madalena, em São Paulo, para a tese de doutorado “O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho” (REIMBERG, 2015). Para a tese, a análise foi feita em conjunto com outras entrevistas. Já neste texto buscamos nos ater somente a entrevista de Dines, que atuou como jornalista de 1952 a 2018, fazendo uma nova leitura.

O jornalista nos recebeu no final da tarde daquela data por quase duas horas. A casa em que funcionava seu escritório tinha diversas paredes repletas de livros. Passamos por um corredor, também com parede de livros, que levava ao escritório. Antes pudemos observar uma das salas da casa, onde havia mais publicações que tomavam todas as paredes. Já no escritório (foto), a mesa era ocupada por diversos papéis e diferentes jornais, que ele lia diariamente. Antes de a entrevista começar, ele leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que explicávamos a pesquisa e pedíamos a sua assinatura.

Após a leitura, iniciou a entrevista antes que nós tivéssemos tempo de fazer a primeira pergunta, que era aberta e pedia que o entrevistado falasse sobre o seu trabalho. Antes mesmo de ser perguntado, Dines começou justamente a falar livremente sobre seu trabalho. Foram 1h42min35seg de entrevista gravada, iniciada após ele dizer “Não sou um especialista sobre o assunto organização do trabalho, mas tentei fazer inovações no *Jornal do Brasil*”. Nesta conversa, pudemos fazer 29 perguntas, a partir das quais ele nos contou sua trajetória na história do jornalismo.

Nos anos 1950, Alberto Dines começava no jornalismo, apesar de desejar trabalhar com cinema. Como já escrevia para a revista *Cena Muda*, acabou indo trabalhar na revista *Visão*, que considera seu primeiro trabalho como jornalista.

Embora eu não pretendesse ser jornalista, eu comecei na *Visão*, porque era um emprego. Eu estava escrevendo na *Cena Muda* e queria escrever sobre cinema e cultura, mas, sobretudo, sobre cinema, porque eu estava envolvido com a nascente indústria cinematográfica, tinha feito documentários, tinha feito umas bobagens lá, estudava cinema que nem

um louco. Então achava que o jornalismo não seria a minha, mas à medida que eu fui me desenvolvendo como jornalista, me envolvendo com o jornalismo, eu comecei a perceber que não eram incompatíveis, ao contrário, eram convergentes, e não me incomodei que o jornalismo se sobrepusesse ao cinema – Alberto Dines.

Depois o jornalista passou, entre outros locais, pelos jornais Última Hora e Diário da Noite. Teve como chefes Samuel Wainer, com quem tinha contato direto, e Assis Chateaubriand, que apesar de já estar tetraplégico, ordenou sua demissão. Isso porque ele não cumpriu uma determinação do dono dos Diários Associados.

Estávamos em 60. Naquele tempo, Portugal era dominado por uma ditadura de Salazar, e Chateaubriand era muito amigo de Salazar. Um grupo de rebeldes, antisalazaristas, sequestrou o navio de passageiros no meio do mar. Foi a primeira vez que teve um sequestro, mas sem violência, só pra chamar atenção de que Portugal era uma ditadura. Só que o navio foi sequestrado no mar perto de Recife. Aí veio uma ordem, nenhuma linha sobre o sequestro do Santa Maria. Santa Maria era o nome do navio. Por acaso, nós estávamos com um fotógrafo dentro do Santa Maria, fazendo as fotografias que iam ser mandadas de barco, depois de avião, pra gente publicar. Quando chegaram (risos) as fotos, não tive dúvida, dei na capa, na página central – Alberto Dines.

O mesmo Chateaubriand, antes, havia elogiado seu trabalho por causa das mudanças que fez no Diário da Noite:

Chateaubriand já estava tetraplégico naquela altura, tinha tido um derrame, então ele ficava deitado e tal, mas ele mandava no jornal e tudo. Quando ele viu o Diário da Noite que eu tinha feito, ele gostou muito, adorou. Aí mandou me chamar pra me dar parabéns - Pô, está ótimo e tal, está igual aos tablóides ingleses. Claro, eu (risos) estava copiando os tablóides ingleses. Ele até me mandou passar dez dias em Londres pra acompanhar um dos tablóides... – Alberto Dines.

Antes do Diário da Noite, por volta de 1959, Alberto Dines trabalhou na Última Hora. O jornalista contou que foi escolhido por Samuel Wainer, que era naturalmente sedutor. “Não fui pedir emprego, ele me escolheu. (...) Era um sujeito com charme enorme, também com uma vibração pessoal muito grande e foi por isso que ele encantou o Getúlio Vargas, encantou tanta gente assim”. Já como chefe “era um louco, um desvairado (risos)”. Uma loucura movida pelo trabalho. Alberto Dines começou fazendo o segundo caderno da edição matutina da *Última Hora*, numa época em que o jornal tinha duas edições. O trabalho teve um bom retorno, e ele recebeu uma nova proposta de Wainer.

Eu vou fazer o seguinte, você vai assumir a edição matutina inteira. Eu nunca tinha dirigido um jornal, tinha também uns 27 anos. Eu aceitei. A primeira edição foi um desastre, porque eu não tinha experiência de

jornal, tinha de revista. A primeira edição foi horrível, eu fiz uma revista. No dia seguinte peguei o jeito da coisa, e fui indo. Ele gostou (risos), e falou assim: Quer saber de uma coisa, você vai ser o editor das duas edições. Aí foi uma loucura. (...) O Samuel era [assim]. Ele fazia isso com todo mundo, ele usava as pessoas. Usava pelo bem, usava quem ele gostava. Não fazia com quem não gostava. Então ele tirava o couro das pessoas, mas eu não saí de lá por causa disso não, quer dizer, eu estava cansado, mas é porque o jornal estava dividido com o pessoal da fase antiga... – Alberto Dines.

Alberto Dines também comandou a reforma do Jornal do Brasil: “Tentei fazer algumas inovações muito tempo atrás, para tornar mais organizado o trabalho na redação”. Lá trabalhou de 1962 a 1973, quando foi demitido. “A minha saída foi uma das coisas mais sórdidas que eu já assisti alguém fazer, por sorte eu estava muito bem amparado, já fazia análise naquela época, mesmo assim eu tive o baque”. Depois foi para os Estados Unidos, porque “as portas se fecharam” para ele.

O jornalista já havia estado no país em 1964 para fazer um curso pelo Jornal do Brasil no *World Press Institute*, que ficava na Universidade de Columbia. Até o momento da entrevista, tinha as anotações das aulas guardadas, em que aliava o que os professores falavam com suas ideias. Nessa segunda visita, em 1974 e 1975, foi professor visitante da mesma universidade na Escola de Pós-Graduação em Jornalismo (DINES, 1986, p.14). Antes disso, já havia dado aulas na PUC/RJ: “Embora seja formado em coisa alguma, muito menos em jornalismo, desde 1963 – com apenas 11 anos de experiência profissional – senti necessidade de associar-me a uma escola (no caso a PUC, Rio) para sistematizar e organizar minha experiência” (Ibid., p.22).

Voltou ao Brasil em 1975 a convite da Folha de S.Paulo, onde criou a coluna Jornal dos Jornais, pioneira em crítica de mídia, e ficou até 1980. Nos anos 1980, mudou-se para Portugal e lá trabalhou para a Editora Abril. Nos anos 1990, nasceu o Observatório da Imprensa, especializado na crítica de mídia, está presente na internet desde abril de 1996 e esteve na TV entre 1998 e 2016.

Dines trabalhava, na época da entrevista, pelo menos 10 horas por dia em atividades jornalísticas. Escrevia um artigo por semana, que era comprado por um grupo de jornais e publicado aos sábados. Ele costumava escrever esse texto às sextas. “Essa coluna já teve mais clientes, mas à medida que eu expunha meus pontos de vistas com firmeza, os clientes passaram a não continuar”. Esse artigo saía, por exemplo, na edição on-line brasileira do jornal El País. Também escrevia pelo menos um artigo para a página

do Observatório da Imprensa às segundas, que era publicado na terça. Quando entrevistado, trabalhava como consultor da edição on-line. “Mas eu estou muito atento, falando quase todos os dias com o Luiz Egypto [o editor], e trocando muitos e-mails, passando dicas, ideias, a gente está tentando reconstituir o clima de redação”.

Já o programa de TV, era produzido pela equipe do Observatório no estúdio da TV Brasil, no Rio de Janeiro. Dines morava em São Paulo em 2014 e apresentava o programa no Rio, viajando constantemente. “Isso é mortal pra mim, eu vou há 16 anos, praticamente toda semana, terça de manhã, o programa é terça de noite, e volto na quarta-feira no fim da tarde, porque no dia seguinte eu tenho que começar a discutir o próximo programa.” De volta à capital paulista, os contatos eram por e-mail e telefone várias vezes ao dia. Dines também escrevia os textos para a versão televisiva e, no caso dos programas especiais, as exigências eram ainda maiores. “Então a dedicação é muito intensa, embora seja um programa de 1 hora uma vez por semana.”

Nessa conta de trabalho, ainda entravam as leituras diárias que faz de quatro jornais, revistas brasileiras e internacionais, como The Economist. Em seu escritório, na Vila Madalena, em São Paulo, era possível ver Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo e O Globo empilhados em sua mesa. Os jornais dividiam espaço com outras pilhas de papéis e revistas, cercados de livros em todas as paredes e caricaturas. Um templo do jornalismo, onde os papéis de paredes são feitos de livros. “Tem muita leitura que você tem que computar, agora por outro lado, não é uma leitura que eu descarto, ao contrário, é uma leitura que só me enriquece, porque eu acho que nós somos homens e mulheres do mundo, não podemos viver a parte”. E finaliza: “Isso é uma devoção absoluta”.

Organização do trabalho no Jornalismo

O ritmo de trabalho descrito por Alberto Dines exemplifica bem o envolvimento que se requer dos trabalhadores no pós-fordismo, em que as técnicas toyotistas se espalham nos mais diversos setores, mas as técnicas fordistas e tayloristas não deixam de existir completamente. Segundo Heloani (2003), no período pós-fordista, mesmo com um discurso adotado pelas empresas de autonomia e participação dos trabalhadores, o que se pretende é manipular a subjetividade do trabalhador em favor do capital. Considera, assim, uma utopia acreditar que o modelo pós-fordista é “libertário e emancipatório do ser humano”, pois tem fundamentos muito parecidos com o taylorismo.

A flexibilização das relações de trabalho e a polivalência marcam o mundo do trabalho. Alberto Dines era um trabalhador polivalente, totalmente envolvido com seu trabalho de jornalista. Atuava para diferentes empresas, era um prestador de serviços. Não em condições precárias como outros colegas de profissão, que trabalham diariamente para um veículo, configurando uma relação de trabalho celetista, mas não são registrados conforme preconiza a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, conforme encontrado em nossa pesquisa (REIMBERG, 2015), nem como *freelancers* que não têm o seu prestígio. Mesmo assim suas relações são flexibilizadas, tanto que seu depoimento mostrou como seus contratos eram rompidos conforme as críticas que seus textos traziam. O próprio fim do programa de TV do Observatório da Imprensa na TV Brasil em 2016 mostra a fragilidade dessas relações mesmo para um jornalista conceituado como Dines.

Estudos realizados por Figaro (2010, p.104-106) mostram que o mundo dos comunicadores é “um território em constante transitoriedade”. Ela também destaca a exigência do profissional de comunicação ser polivalente e “capaz de transitar por diferentes áreas e competências (das técnicas, das linguagens e das artes)”. As empresas exigem habilidades “para produzir enunciados de acordo com os requisitos de diferentes plataformas e dos objetivos de consumo”. Outra característica atual é a opção por profissionais de comunicação cada vez mais jovens, que não vivenciaram os processos de trabalho que envolviam tecnologias analógicas. Noções de marketing e comunicação estão entre as exigências para os comunicadores. Há uma tendência em se trabalhar com pequenas equipes multiprofissionais.

No estudo O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo, realizado entre 2009 e 2012, coordenado por Figaro, na fase quantitativa, 340 jornalistas ligados ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo responderam a um questionário fechado. Sobre a questão de flexibilidade do trabalho, a pesquisa mostrou entre os jornalistas sindicalizados um total de 42,6% com registro em carteira, 20,9% de outra modalidade de vínculo, 19,7% como pessoa jurídica e 10,3% de *freelancer* fixo. Figaro (2013, p.14) reforça a exigência de um profissional “multiplataforma e polivalente”: “Dele é exigido que tenha domínio dos mais variados meios e linguagens, assumindo funções desempenhadas antes por outros profissionais (editores, revisores, repórteres, diagramadores, pauteiros)”.

Mick e Lima (2013) também destacam a passagem do jornalismo para o pós-fordismo e a intensificação do trabalho. O estudo estima que 54,5% dos jornalistas

brasileiros trabalham na mídia – “produção de notícias em veículos clássicos, como jornais diários, revistas, telejornais ou rádiojornais, ou em novas mídias via internet”. Dos jornalistas atuantes na mídia, 59,8% têm carteira assinada. Há ainda 11,9% de *freelancers*, 8,1% de jornalistas com contrato de prestação de serviço (8,1%), 6,8% de contratos de pessoa jurídica (Ibid., p. 51).

Heloani (2013), que realizou estudos sobre os jornalistas em 2003, 2005 e 2012, destaca a desregulamentação da profissão. O jornalista “é terceirizado, quarteirizado, é contratado por uma equipe que presta serviços para outros”. Questões essas trabalhadas no segundo capítulo desta tese, na perspectiva de direito, mas que também são características da organização do trabalho na atualidade, marcada por flexibilizações.

Além dessas questões, o sentido do trabalho para o jornalista fortalece a adesão ao ritmo intenso e naturaliza a intensificação do trabalho, fazendo com que o jornalista suporte as pressões, acelerações e flexibilizações. Para Alberto Dines, a pressão seria insuportável se você não fizesse o trabalho “com prazer, com devoção, com empenho”. “Você ficar trabalhando em jornalismo, dentro do ritmo e das exigências profissionais, se você não gostar e estiver empenhado naquilo, fica insuportável, agora se você gosta, é um vício, você não consegue largar”.

Dines avaliou, durante a entrevista, que as empresas jornalísticas limitam a qualidade do trabalho do jornalista, que não pode perder tempo com a matéria e “não pode gastar muito dinheiro senão estoura orçamento”. O trabalho em jornal diário é muito estressante. Mesmo jornalistas chamados bem sucedidos, na visão de Dines, que trabalham para vários veículos, como rádio e TV, trabalham como loucos. “Eles ganham muito bem, mas são literalmente sugados pelas empresas”.

Mas em seu depoimento Dines mostrou que mesmo no passado vivia um ritmo de trabalho acelerado, o que talvez explique como essas questões são naturalizadas no trabalho do jornalista, como se fossem inerentes à profissão e se desconsideram os processos de organização do trabalho a que empresas jornalísticas estão submetidas como quaisquer outras.

Alberto Dines acordava entre 4h e 4h30 da manhã para ir trabalhar no jornal Última Hora, onde ficava até as 19h, 20h, já que precisava dar conta da edição matutina e da vespertina. “Foi muito duro, foi fisicamente muito difícil, daí eu fui ao médico, o médico falou, não, não, duas vezes na semana você vem fazer fisioterapia, ginástica...”, contou.

O jornalista também falou sobre a experiência de trabalho no Jornal do Brasil, ressaltando os principais aspectos organizacionais que vivenciou na época: “Tentei fazer algumas inovações muito tempo atrás pra tornar mais organizado o trabalho na redação”. As mudanças no Jornal do Brasil começaram antes da chegada de Dines, mas com ele foram aprofundadas.

O jornal rodava tarde, não alcançava as bancas, tinha esses problemas industriais e mecânicos que complicavam, aí eu comecei a refletir um pouco sobre a organização do trabalho. Eu tinha experiências de dois jornais diários, mas que eram jornais muito bagunçados. Um era a Última Hora, que era um jornal inovador, mas foi muito louco, como tudo que o Samuel Wainer fez. O jornal era central e depois tinha as edições regionais que eram feitas centralmente (risos) também. Era um jornal muito criativo, mas não havia recursos pra fazer uma coisa bem pensada. (...) No Jornal do Brasil não, eu não sei por que, eu achei que havia a possibilidade de fazer um trabalho sistemático, metodológico, operacional - Alberto Dines.

No comando do JB, criou uma reunião diária de pauta com o comando do jornal, redatores e responsáveis pelas opiniões e editoriais para discutir a página dos editoriais. Também fazia a reunião de pauta para planejar o jornal, que chegou a ocorrer duas vezes por dia. “Vinha com a ideia de que um jornal precisa ser minimamente planejado, não fazia sentido que ele fosse acontecendo num prazo tão rápido, tão veloz, dava grandes improvisações”, recordou Dines. Também criou novos cargos e editorias, inclusive o seu, de editor chefe, que levou dois anos para aparecer no expediente do jornal. “Eu centralizava o trabalho noticioso.” Das novas editorias, destaca a de fotografias e a de pesquisa:

A editoria de pesquisa, isso foi realmente novo. Quando eu cheguei, o jornal não tinha arquivo, não tinha biblioteca, referências, não tinha nada. Até arquivos fotográficos não tinha. Os fotógrafos faziam as suas fotografias e levavam os negativos ou deixavam lá numa gaveta. Eu criei a editoria de pesquisas, criamos uma base, nós chamávamos de base de dados, nós compramos livros de referências importantes, começamos a assinar revistas estrangeiras e colecionar pra ter referências. E começamos a preparar, mas isso foi um processo progressivo, uma coisa inédita. Preparamos matérias, primeiro disponibilizamos pra todos os repórteres e redatores, em seguida, avançamos, começamos a preparar dossiês sobre determinados assuntos para que o repórter sáísse à rua minimamente preparado. Depois convertemos esses dossiês em matérias a serem publicadas já impressas no jornal com a assinatura, com o crédito de editoria de pesquisa. Foi uma evolução.(...) Também concentramos na editoria de pesquisa tudo aquilo que tinha a ver com experimentações. Nessa editoria criamos o comitê que chamava o jornal do futuro (...), que poderia nos ajudar a estabelecer uma discussão e quem sabe encontrar caminhos novos, foi

uma coisa muito importante e ao mesmo tempo começamos a disciplinar, a organizar o trabalho dos repórteres - Alberto Dines.

O curso que fez na Universidade de Columbia foi considerado por ele muito importante, por ter aulas com “profissionais altamente categorizados” e por possibilitar “uma pequena vivência dentro de jornais que cada um escolhesse”. Dines anotava o que os professores falavam e relacionava com o que ele pensava sobre cada questão. “Eles falavam já sobre organização de jornais e as nossas visitas aos jornais foram muito importantes. Como é que esses jornais se organizavam? Como é que funcionavam?” Assim ele pôde conhecer procedimentos que a imprensa brasileira não tinha, pois apenas a técnica do lide³ havia sido incorporada nos anos 1950 por iniciativa de Pompeu de Souza, que também havia ido aos EUA em um programa de visitas às redações.

Outro ponto lembrado por Dines foi a consultoria de uma empresa chamada Montreal, contratada pela direção do JB. “Era uma empresa de engenharia de métodos e sistemas e eles eram muito competentes”. Um consultor mergulhou na administração da empresa, e se criou um convívio positivo, que possibilitou a organização da redação.

As ações de Dines incluíram colocar televisões na redação e nas salas das editorias: “Você não podia fazer o jornal do dia seguinte sem saber o que estava sendo dado, isso hoje parece uma providência de caráter de conforto, mas não é, foi uma revolução”. As discussões de pauta também foram descentralizadas: “O Armando [Nogueira] trouxe ideias de que as pautas podiam ser menos autoritárias, no sentido de ser autoral, de ser de uma pessoa. A pauta podia ser da redação, do corpo de repórteres, de redatores”. Também se desenvolveu um corpo de correspondentes nacionais e de sucursais pelo Brasil. Eram correspondentes pagos em todas as capitais, contratados, que frequentemente visitavam a sede.

Dines definiu a experiência vivenciada no Jornal do Brasil como um trabalho colegiado e integrado, de muita discussão e participação. Quando o jornalista lembrou essas histórias passou a impressão de que no jornal se vivenciou o espaço de deliberação⁴ de que fala Dejours (2012). Não era uma organização do trabalho fechada. “Esse ritual das reuniões e tudo isso criava um ambiente de convivência que é muito importante”, avaliou o jornalista.

³ Primeiro parágrafo do texto noticioso que deve responder as questões: o quê, quem, quando, como, onde, por quê.

⁴ Segundo Dejours (2012), no espaço de deliberação, trabalhadores e trabalhadoras “podem formular e defender suas concepções sobre os modos de trabalhar” (Ibid., p.83). Estruturado como um espaço público, a atividade de deliberação leva à formação de regras de trabalho. Ela pode ocorrer em espaços informais, onde se dá a convivência dos trabalhadores, como o cafezinho, por exemplo, e nos espaços formais de reuniões (Ibid., p.84).

Mesmo no período da ditadura, Alberto Dines acredita que entre 1964 e 1967 não houve transformações na forma do trabalho: “Não houve grandes mudanças na nossa vida, porque os jornais sempre foram comandados pelos donos dos jornais mesmo, só saía o que eles queriam”. Em 1968, houve censura “e logo depois numa decisão infeliz da direção, a autocensura, que durou de 69 até quando eu fiquei em 73, mais até, porque quando eu saí, continuou”. Apesar disso, as mudanças organizacionais para ele passaram a fazer parte das rotinas e influenciaram outros jornais.

Mas, ao longo da carreira, Alberto Dines avaliou que encontrou barreiras para se expressar. A própria saída do Jornal do Brasil foi traumática, como veremos adiante. “Hoje eu posso escrever o que eu quero porque eu criei o meu emprego, eu criei o Observatório da Imprensa, mas não são muitos que têm essa oportunidade. Isso é muito doloroso. Você passa a vida se aprimorando, e a sociedade não quer te aproveitar”, afirmou.

Sofrimento e prazer no trabalho do jornalista

As falas de Alberto Dines mostram o quanto sofrimento e prazer estão lado a lado no trabalho do jornalista, em uma relação psicodinâmica conforme teorizada pelo psiquiatra francês Christophe Dejours. O sofrimento faz parte do trabalho, e o prazer vem em um segundo momento, seja pelo reconhecimento dado ao produto do trabalho, seja pelo próprio sentido que atribuímos ao trabalho realizado.

Dejours (2012, p.20) coloca o trabalho – *poiesis* como uma promessa de ampliação da subjetividade – *Arbeit*, que “abre caminho para a realização de si mesmo”. No trabalho psíquico, “a assimilação de uma nova habilidade passa por um processo de apropriação complexo que impõe um remanejamento da arquitetura subjetiva como um todo”. Para adquirir a habilidade, exige-se uma evolução da personalidade, disso vem a afirmação de transformar-se a si próprio ao trabalhar, pois o enigma do real leva à exigência de trabalho para o psiquismo. No entanto, a “promessa de ampliação da vida subjetiva contida no trabalho vivo não pode materializar-se sem que estejam reunidas algumas condições sociais e políticas precisas” (Ibid., p.21).

O trabalhar pode ser a provação eletiva de revelação da vida para si mesma. Mas a relação com o trabalho só oferece essa possibilidade se for reconhecida e respeitada a parte que no trabalho diz justamente respeito à subjetividade.

A evolução contemporânea das formas de organização empresarial, do trabalho e de gestão, com a tendência neoliberal, repousam em princípios que sugerem precisamente o sacrifício da subjetividade em nome da rentabilidade e da competitividade.

(...)

Mas é necessário frisar, uma vez ainda, que nenhuma organização, nenhuma empresa, nenhum sistema funciona por si, automaticamente, pelo gênio de uma lógica interna qualquer. Todo sistema necessita, para funcionar, não apenas da obediência dos homens e das mulheres, mas também de seu zelo, de sua dedicação, em outros termos, de sua inteligência. A evolução contemporânea da organização do trabalho não é uma fatalidade. Ela releva da vontade – e do zelo – dos homens e das mulheres que o fazem funcionar. Se o trabalho pode gerar o pior, como hoje, no mundo humano, ele também pode gerar o melhor. Isso depende de nós e de nossa capacidade de pensar, graças a uma renovação conceitual, as relações entre subjetividade, trabalho e ação. (DEJOURS, 2012, p.42-43)

A partir dessas considerações, podemos afirmar que o trabalho é central para a constituição do sujeito, que se constrói enquanto trabalha. O sofrimento está sempre presente no trabalho, seja quando nos deparamos com o inédito do real, que cada atividade traz, seja quando temos nossos desejos enquanto sujeitos limitados por uma organização do trabalho rígida, caminhando nesse caso para um sofrimento patogênico.

Quanto mais a organização do trabalho é rígida, e a divisão do trabalho é acentuada, o conteúdo significativo do trabalho e as possibilidades de mudá-lo são menores. Quando o conteúdo ergonômico da tarefa (exigências físicas, químicas e biológicas) não se adapta às necessidades da estrutura mental também ocorre insatisfação, sofrimento ou um forte estado de ansiedade. O sofrimento impacta primeiro sobre o corpo, e essa insatisfação é uma carga de trabalho psíquica. Já a insatisfação em relação ao conteúdo significativo da tarefa traz um sofrimento que impacta mentalmente, mas também pode levar às doenças somáticas. (DEJOURS, 1992, p.61-62)

Por outro lado, Dejours (2012) aponta que o sujeito se transforma por meio do trabalho e pode ter a subjetividade ampliada. O sofrimento, que faz parte do trabalho, pode ser transformado em prazer. Do fracasso e do inédito do real, surge o trabalho em si. Essa relação dual aparece na fala de nosso entrevistado. Ao ser questionado sobre o que era sofrimento no trabalho dele como jornalista, Alberto Dines apontou que é “fazer o que você não gosta, escrever o que você não gostaria de escrever, não conseguir colocar a sua energia, a sua vitalidade”.

Há ainda aqueles sofrimentos que marcam a trajetória de uma pessoa. Dines calculou ter sofrido cerca de dez demissões, momentos que caracterizou como muito

dolorosos por trazerem punição pelo que ele expressava: “Você está defendendo o ponto de vista que são aqueles que você acredita melhores pra democracia, pra vida brasileira, e de repente você leva um soco na cara desse...”. E completou: “Há um acúmulo de situações muito estressantes, mas um eu não sei fazer outra coisa, eu sou basicamente um jornalista”. Um dos episódios mais duros que sofreu foi a saída do Jornal do Brasil:

Eu fui saído, e foi saído também o meu substituto, houve um corte muito brusco na cadeia de comando, mas mesmo assim o jornal manteve... A minha saída foi uma das coisas mais sórdidas que eu já assisti alguém fazer, por sorte eu estava muito bem amparado, já fazia análise naquela época, mesmo assim eu tive o baque, porque mudou minha vida... – Alberto Dines.

O jornalista ligou a demissão a um processo de adoecimento, pois assim que foi demitido do Jornal do Brasil, teve um deslocamento de um cálculo renal, que o levou a tomar morfina de tanta dor. Em sua avaliação, pode ter havido uma relação de causa e efeito com o estresse brutal que a demissão causou:

Desenvolvi essa hipótese de que o deslocamento do cálculo renal e sua saída, muitas vezes, são causados por um estresse, por uma coisa emocional, já tenho conversado com médicos, não tem nada que comprove, mas é uma hipótese válida, e a minha foi profissional, fui demitido, e eu fui demitido por razões políticas, não fui demitido porque era mau jornalista, então ao longo da minha vida eu acumulei esse tipo de acidente de trabalho (risos) – Alberto Dines.

Ao ser questionado sobre a relação entre trabalho e algum tipo de dor ou adoecimento que teve, Dines relatou que isso ocorreu inúmeras vezes. Para ele, tudo está “incorporado, uma coisa ligada a outra, e não é só comigo, com os outros da minha geração e até de gerações mais novas, as pessoas vivem esse stress”.

Como você está empenhado, como você está intensamente envolvido com o trabalho, com as emoções decorrentes do trabalho, porque você não é uma máquina, é um ser humano, você evidentemente sofre os desgastes, o desgaste emocional, o desgaste físico, porque um comunica com o outro, então eu tenho aí um monte de doenças, que não tem nada a ver com a idade, tem a ver com fatores de risco mesmo – Alberto Dines.

Outro apontamento que pode ser ligado ao sofrimento no trabalho é a falta liberdade. Alberto Dines considerou que conforme a pessoa evolui na carreira, quer mais autonomia, mas chega um ponto em que não é possível obtê-la. “No Jornal do Brasil, eu aceitava as regras do jogo durante a ditadura. O dono do jornal fazia com o jornal o que ele queria, mas eu tentei influenciar muito, até que chegou num momento que não deu

mais, eu não aguentava mais a autocensura e o jogo todo.” Então, ele foi “expelido”. Quando chegou à Folha, parecia que teria liberdade total. “O Cláudio Abramo é demitido, sobe o Boris Casoy, que é o outro lado do espectro ideológico, e ele me demite porque eu escrevi um artigo e insisti em publicar este artigo, então, na medida em que você vai crescendo, você vai encontrando mais limitações.” Para Dines, são poucos os que têm liberdade no Brasil para desenvolver o raciocínio e ir para determinadas direções.

Quando a questão foi sobre o que era prazer no seu trabalho de jornalista, Dines descreveu: “Fazer o que eu estou fazendo, é escrever, olhar, observar, acompanhar, participar”. Também definiu ser jornalista como “estar empenhado em retransmitir aquilo que a vida te dá”. Falar em vida, para ele, é falar da humanidade. “É uma das profissões mais humanistas que eu conheço, eu acho que não existe outra..., você está trabalhando para a melhoria da humanidade.” Ao longo da entrevista, ressaltou que o trabalho coletivo do jornalismo é extraordinário e altamente gratificante. Ele ainda citou ser um grande prazer colaborar com o El País, por ser um jornal que sempre acompanhou.

Dines utilizou o termo paixão para se referir ao trabalho de jornalista e disse que foi se envolvendo com o jornalismo porque ele é apaixonante. Trata-se de “uma atividade de caráter existencial, porque você está acompanhando a vida, isso é de uma força extraordinária.” Quando a pergunta é se o jornalismo afetou sua vida pessoal, ele afirmou que não só a dele, mas a maioria dos jornalistas. “Porque não é só o trabalho, porque o trabalho se relaciona com a vida, então o movimento da vida afeta o trabalho, que afeta a sua pessoa”, justificou. Para ele, o jornalismo sempre foi um fator de grande envolvimento: “Se você não se envolve, não mete a cabeça, se você não participa, eu acho que você está fazendo o trabalho pela metade.” E continuou:

Envolvimento esse que seja talvez meu atributo maior. Eu sempre me envolvi, eu acho que você não tem o direito passar raspando pela vida, você tem que entrar... O jornalismo sempre foi muito prazeroso pra mim, a ponto de se incorporar a minha própria fisiologia, minhas próprias rotinas, hábitos, negócios de prazos, que tem hora de fechar o jornal, tem hora de sair, tudo isso, isso criou em mim coisas que eu nunca vou perder até hoje. Mesmo porque até hoje eu tenho prazos, tenho compromissos que não podem atrasar... – Alberto Dines.

O depoimento de Alberto Dines reforça a tese de que o mesmo trabalho que faz sofrer é aquele que dá prazer, pois dá sentido à vida dos jornalistas. Em todo momento sofrimento e prazer estão presentes nessa organização, que só é suportada pelo sentido que os jornalistas atribuem ao seu trabalho. O sofrimento gerado pelo trabalho, no

entanto, é amenizado quando o jornalista tem seu trabalho reconhecido ou quando consegue atribuir um valor positivo para a atividade que realiza. Dois aspectos visíveis nas falas de Dines. Ao mesmo tempo que tinha o reconhecimento social, apesar das dolorosas demissões sofridas, ele acreditava no trabalho que realizava, passando do sofrimento ao prazer. Mais do que isso, o sentido do trabalho fez com que ao longo da carreira suportasse as condições adversas e as superasse na tentativa de produzir aquilo que ele acreditava ser um bom trabalho, o que incluiu criar novas formas de trabalhar e novos lugares, como o Observatório da Imprensa⁵. Esse reconhecimento do trabalho, que inclui o sujeito se identificar com o material produzido, um trabalho não alienado, traz implicações não só na transformação do sofrimento em prazer, como diz Dejours, mas também pode contribuir para uma prática jornalística voltada para princípios éticos e para o interesse do cidadão.

Referências bibliográficas

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

_____. **Trabalho Vivo II**: Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1986.

FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica. **REVISTA USP**, n. 86, 2010.

_____. (coord.) **2009/2012 – O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo**. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/index.php/pesquisas/2009-2012/> Acesso em: 16 jan. 2013.

_____. Perfis e Discursos de Jornalistas no Mundo do Trabalho. In: FIGARO, Roseli (org.), NONATO, Cláudia, GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

⁵ Vale ressaltar que Alberto Dines provavelmente sofreu um novo baque em 2016 quando o programa Observatório da Imprensa deixou de ser transmitido pela TV Brasil.

HELOANI, José Roberto. Entrevista José Roberto Heloani. **Unidade**. Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, n.357, p.6-7 , abril/2013.

_____. **Gestão e organização no capitalismo globalizado**: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo, Atlas, 2003.

MICK, Jacques (Coord.), LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo - Tese (Doutorado), 2015. Disponível em: < <http://www.fundacentro.gov.br/biblioteca/biblioteca-digital/acervodigital/detalhe/2015/7/o-exercicio-da-atividade-jornalistica-na-visao-dos-profissionais-sofrimento-e-prazer-na>> Acesso em: 30 maio 2018.